

Casa do Brasil apresenta em “Música na Casa”:

OLIVIA BYINGTON

Gasteig - Black Box, Domingo, 21.09.08 às 20.00 hs

Há exatamente trinta anos a cantora Olivia Byington subia ao palco do legendário Teatro Ipanema – enclave do experimentalismo dramático e das artes contraculturais na zona sul do Rio de Janeiro – para lançar seu disco de estréia, devidamente batizado de “Corra o Risco”. Acompanhada pelo grupo A Barca do Sol, formado por sete inspirados cabeludos que cultuavam um tipo de rock muito curioso, Olivia já chegava munida de uma sólida formação musical que incluía estudos de piano, violino e violão. E um plano audacioso, o de ser uma intérprete livre, capaz de cantar tanto Egberto Gismonti como Noel Rosa. Ou Tom Jobim, o cubano Silvio Rodrigues, ou Villa-Lobos.

À beleza de seu registro vocal somava-se toda vitalidade de uma jovem de aura existencialista que andava cercada de poetas como Geraldo Carneiro (sua alma gêmea) e Cacaso, e músicos como o maestro John Neschling e o violoncelista Jacques Morelembaum, integrante da Barca e amigo de primeira hora, com quem já havia atuado nos tempos da banda Antena Coletiva. Saudada pela crítica especializada como uma das intérpretes mais apuradas do Brasil, Olivia emplacava então um clássico às margens do *mainstream*, a canção “Lady Jane”, assinada pelos irmãos Geraldo e Nando Carneiro.

No decorrer de sua carreira, Olivia Byington soube preservar a delicadeza de sua obra mesmo diante das pressões do mercado fonográfico. Lançou dez álbuns, dentre eles os admiráveis disco de estréia, de 1978, o “Identidad”, de 1983, que foi gravado em Cuba, e o “Melodia Sentimental” de quatro anos depois. Ela revisitou ainda os repertórios de cantoras emblemáticas como Elizeth Cardoso e Aracy de Almeida e dividiu os palcos com Tom Jobim, Paulo Moura, Chico Buarque, Gismonti e Djavan, tudo enquanto criava seus quatro filhos, João, Bárbara, Theodora e Gregório.

No ano passado, Olivia pôs na praça um álbum que foi lançado primeiramente em Portugal. Nele, a cantora se assumia definitivamente como compositora, fato antes quase relegado por ela, que já havia gerado nobres canções como “Anjo Vadio” e “Corra o Risco”, ambas com Geraldinho, “Clarão” com Cacaso, e “Lua Branca” com Charles. No novo disco, Olivia trouxe nada menos que onze composições da própria lavra, nove delas feitas com o poeta português Tiago Torres da Silva. E mais uma vez Olivia Byington provou o quanto ainda anda disposta a surpreender.

Quem a viu no documentário “Vinicius”, grande sucesso de bilheteria do cinema brasileiro, sabe do que ela é capaz quando se trata de interpretar canções. Estamos falando do sublime.

Felipe Tadeu (Jornalista musical e produtor do programa radiofônico Radar Brasil, da Rádio Darmstadt)